

3. Género e condições de vida

OC - (22930) - VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM PORTUGAL: POLIFONIA DE CORPOS BRASILEIROS E RACIALIZADOS

Mariana Holanda Rusu (Portugal)¹; Joana Bessa Topa (Portugal)^{2,3,4}; Conceição Nogueira (Portugal)^{1,4}

1 - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; 2 - Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento da Universidade de Maia - UMAIA; 3 - Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa; 4 - Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP)

No início do século XIX, o corpo da mulher era visto acima de tudo como um corpo reprodutivo. A produção do cuidado ginecológico e obstétrico em instituições de saúde, tal como realizado até hoje, surge como dominação do conhecimento científico a partir da noção de especialidade médica, apoiada pela teoria de uma natureza feminina absolutamente diferente da masculina, pautada por uma noção biológica. Conjuntamente à sua popularização, surgiram formas de controlos pautadas por um determinado cuidado hegemónico que acabou por aprofundar as desigualdades raciais. O processo de racialização (com matizes próprias em cada contexto sociocultural) e a heterossexualidade compulsória como elementos estruturantes da clínica ginecológica e como práticas coloniais, seguem o modelo tecnocrático, onde a objetificação do corpo feminino é justificada pelo saber e poder que agem como operadores interpretativos e fabricantes de corpos. Caracterizada como uma violência de género, a violência obstétrica pode ocorrer em todas as etapas da gravidez, parto e pós-parto, sendo considerada parte integrante de uma sociedade que violenta as mulheres pela sua identidade e pela sua condição. Em Portugal, ainda é vista como inerente ao parto, estando estas experiências pouco mencionadas nos relatos académicos. Frente aos escassos estudos existentes no contexto nacional, esta exposição, de cariz teórica, busca refletir sobre essas práticas, trazendo realidades ainda invisibilizadas que produzem mais vulnerabilidades e violações em relação à vida social e às subjetividades, problematizando relações que se interconectam com pertenças identitárias específicas como o ser mulher, brasileira e racializada.

Palavras-chave : brasileiras e racializadas; colonialidade do género; subjetividade; violência de género; violência obstétrica